

RISOGRAFIA: A ASCENÇÃO DE UM MÉTODO DE IMPRESSÃO ENTRE PUBLICAÇÕES ARTÍSTICAS

ROGERIO VASCONCELOS DO NASCIMENTO¹; HELENE GOMES SACCO².

¹Discente do curso de Bacharelado em Design Gráfico – CA/UFPEL – rogeriov@protonmail.ch

²Docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais –CA/UFPEL – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse texto está atrelado à minha pesquisa (em andamento) para o Trabalho de Conclusão de Curso, até então chamada de *Entremoio: um lugar indefinido entre Zine e Livro de Artista*, que busca, resumidamente, entender o momento atual no campo das publicações artísticas e refletir sobre a minha poética. Aqui, me concentro em discutir acerca da Risografia e sua importância para essa área. Para isso, é interessante termos um breve panorama sobre o que é a risografia (e de onde ela surgiu) e sobre o que é o campo das publicações artísticas.

A Risografia é o nome dado à impressão com duplicadores digitais (ou pra ser mais claro, mimeógrafos digitais). Esse nome se deu por conta da primeira e principal marca de duplicadores digitais, a Risograph. A história dos duplicadores digitais começa em 1946, logo depois da Segunda Guerra Mundial, quando o japonês Noboru Hayama resolveu abrir um serviço de impressões em mimeógrafos. Pouco tempo depois ele resolveu criar sua própria tinta à base dágua (pois a única opção na época era importar) e entre 1960 e 1980, a empresa começa a se dedicar com a fabricação de mimeógrafos, gravadoras de matrizes e produtos do tipo. Em 1986, a companhia cria o primeiro duplicador totalmente automático, o Risograph 007, que integrava as funções necessárias pra se fazer uma matriz e fazer impressões em uma única máquina (RISO, 2016).

As publicações de artista remontam à década de 60 e 70, ligadas à vanguardas artísticas, que as utilizavam, por exemplo, para a difusão de manifestos (FREIRE apud ROCHA, 2011). Outro uso importante era o lugar das revistas, que exibiram muitos trabalhos seminais para a arte contemporânea. Essas produções estavam ligadas a “disseminação de ideias, subversões independentes, partilha de imagens ou de prolongamentos da experiência artística” (ROCHA, 2011. p.12).

Normalmente as publicações artísticas são impressos, contando com tiragens (sejam elas limitadas ou não), se tratando de um importante suporte para difusão e dispersão utilizado por projetos artísticos, que escolhem雇用 ou abrir mão das estruturas convencionais de edição, publicação, distribuição e circulação (ROCHA, 2011. p.12). É interessante ressaltar que o termo não faz referência apenas ao formato-livro (livros, revistas, zines, etc), mas a qualquer publicação que conte com o suporte impresso e caráter múltiplo e distributivo.

Nesse caso, livretos, jornais, revistas, objetos múltiplos, postais, selos, cartas, folhetos, adesivos, cédulas, cartazes, jogos, mapas, apostilas, entre outros meios, articulam-se como veículos rizomáticos que dialogam com as sinalizações: editar, publicar, disseminar e circular.” (ROCHA, 2011. p.13)

Na minha pesquisa, faço um recorte partindo do zine - lugar por onde adentrei nesse universo - que são também publicações independentes, conhecidas como do universo underground e da contracultura (embora tenham

surgido entre fãs de ficção científica) e que tiveram seu auge entre os anos 70 e começo dos 90. Com a chegada dos computadores a preços acessíveis, muitos produtores que antes dependiam do suporte impresso passaram a disseminar seu conteúdo online, em blogs ou sites, no que passou a se chamar de webzines (ou e-zines). Recentemente, contextualizado pela chegada da tecnologia do ebook e o desespero acerca da “morte do livro impresso”, o zine e as publicações independentes em geral estão tendo um novo crescimento, explorando-se mais a potência gráfica dos mesmos. Nas palavras de Vitor Azevedo (2016), “o retorno desse apelo reside no exclusivo, no conceitual, na ideia etérea de tocar a informação com as próprias mãos em vez de tê-la em nuvem.”

2. METODOLOGIA

Para essa pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, utilizando a pesquisa “Experimentos com Impressão em Pequenas Tiragens”, da Nathalia Cury (2013), que é a única pesquisa nacional que fala sobre risografia; o livro do Michel Zózimo da Rocha (2011), “Estratégias Expansivas: publicações de artistas e seus espaços móveis”, para explicar sobre Publicações de Artista; além de sites, jornais online e outras fontes eletrônicas, devido à escassez de bibliografia acadêmica no assunto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A risografia e as publicações independentes se cruzam quando, a partir da última década, ocorre um resgate às máquinas Riso, com muitos designers e artistas percebendo seu potencial gráfico e vindo a comprar modelos de segunda mão via internet e fundando suas próprias editoras e gráficas. (CURY, 2013) Há uma certa filosofia acerca da risografia que se relaciona com os ideais de controle completo de uma produção, passando pela concepção, produção e distribuição das publicações. Um grande diferencial das impressoras Riso é o uso de cores exatas, como utilizado na serigrafia, ao invés do processo CMYK utilizado em impressoras digitais. Segundo STEPHENSONF (2012 apud CURY, 2013) existe uma transparência nas tintas que permite que as cores sejam sobrepostas, formando novos tons, diminuindo a sensação de limitação de paleta. Além disso, a Riso tem cores fluorescentes e até metálicas, que são inalcançáveis por meio da impressão em CMYK.



Fig. 1-2: Amostras do potencial gráfico da Risografia, principalmente em seu uso de cores.
(Fonte: 1- Zansky de Zaster / 2- Narowe)

Hoje, existem inúmeros estúdios risográficos pelo mundo, sendo possível localizar boa parte deles através do Atlas Risográfico¹ criado pela Issue Press - aonde existem quase 300 estúdios catalogados. Segundo o atlas, existem no Brasil hoje 12 estúdios risográficos, sendo o mais importante deles a Meli-Melo Press, que foi o primeiro no país e hoje conta com 14 diferentes cores, entre elas Dourado Metálico, uma tinta que é mais difícil de se achar. (ISSUE, 2016).

Juntamente com a ascenção da Risografia, um dos outros fatores que mais influenciou a volta dessa cultura foi a criação de feiras e eventos relacionados ao tema, que se tornam cada vez maiores e numerosas. Entre os grandes eventos, podemos citar: Feira Plana, que é atualmente o maior referencial do tipo e ocorre anualmente em São Paulo (e que surgiu quase ao mesmo tempo que a Meli-Melo Press); Feira Tijuana, que é uma das pioneiras e está ativa anualmente desde 2009, embora só tenha aberto as portas para zines em 2012 - antes trabalhava só com livros de artista; além de outras, como a Miolo(s) - feita pela editora independente Lote 42; Ugra Zine Fest, da Ugra Press; Parada Gráfica, de Porto Alegre; Pão de Forma, do Rio de Janeiro; e Feira Printa, de Curitiba;

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho de pesquisa acerca da Risografia está longe de ser algo completamente acabado e terminado, e ainda será abordado com uma profundidade maior dentro da minha pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso (que está em desenvolvimento). A área de publicações independentes é uma paixão que me move dentro do campo do Design e das Artes, e pretendo continuar pesquisando essa temática, principalmente mantendo o foco na Risografia e em suas possibilidades estéticas e gráficas.

Particularmente, o que noto depois de uma certa experiência adquirida a partir da presença nessas feiras de publicações independentes e também no meio acadêmico é que ainda há poucas pesquisas na área, provavelmente devido à atualidade das questões abordadas. É necessário um esforço ainda maior de pesquisa nesse tema, sendo essa uma área importante tanto pro campo do Design quanto para o campo das Artes Visuais.

É interessante também ressaltar o quão forte é a ideia de negar a entropia das máquinas Riso, que muitas vezes estavam em desuso e vistas como obsoletas e foram resgatadas por esse grupo, que as trazem de volta à produção, afirmindo uma nova visualidade. Elas também podem ser vistas como um meio de revitalização das formas de criação estética no campo da arte e design, aproximando as duas áreas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

ROCHA, Michel Zózimo da. **Estratégias Expansivas**: publicações de artistas e seus espaços móveis. Porto Alegre: M.Z. da Rocha. 2011. 180p.

Tese/Dissertação/Monografia

CURY, Nathalia. **Experimentos com Impressão em Pequenas Tiragens**. São Paulo: FAU/USP, 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Design).

¹ O Atlas está disponível no link <http://stencil.wiki/atlas>.

Documentos eletrônicos

AZEVEDO, Vitor. **Os zines impressos vivem um retorno glorioso.** Publicado em 6 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.freakmarket.com.br/blog/vida/os-zines-impressos-vivem-um-retorno-glorioso/>>. Acesso em 11 mai. 2016.

BITTENCOURT, Bia. Amigos da Casa Plana: **Eba! Temos Prints por Narowe.** 2016. Disponível em: <<https://www.catarse.me/plana>>. Acesso em 09 jul. 2016.

ISSUE PRESS. **An Atlas of Modern Risography.** 2016. Disponível em: <<http://stencil.wiki/atlas/>> Acesso em 06 ago. 2016.

RISO KAGAKU CORPORATION. **Corporate Profile: RISO's History.** 2016. Disponível em: <<http://www.riso.co.jp/english/company/history/>>. Acesso em 07 jul. 2016.

ZANSKY, de Zaster. **Fortuna.** Disponível em <<http://www.zansky.com.br/project/fortuna/>>. Acesso em 09 jul. 2016.